

Ideologia e a era moderna, de John B. Thompson

T6/LES237/ESALQ/USP por Mariana Gomes Vicente
com contribuições dos grupos e do professor

Num primeiro momento do texto, Thompson discute a grande narrativa referente ao contexto de transformações culturais relacionadas ao desenvolvimento das sociedades modernas na qual as ideologias puderam ser consideradas como substitutas das crenças oriundas da religião ou magia, tendo servido para mobilizar ação política num mundo liberto destas tradições. Thompson não foca um autor específico nessa parte, mas desenvolve um panorama sobre o papel dessa ideologia, considerando enganadora algumas interpretações dessa narrativa.

Os três elementos do contexto de transformações culturais são: 1- O capitalismo industrial foi acompanhado pelo declínio das crenças e práticas religiosas e mágicas, pela secularização das crenças e práticas e pela progressiva racionalização da vida social; 2- A consciência religiosa em declínio abriu espaço para a emergência de sistemas de crenças seculares ou “ideologias” que serviu para mobilizar a ação política de maneira afastada de referências a seres metafísicos; 3- Esses processos teriam resultado na “era das ideologias” que serviu de base para movimentos revolucionários radicais no fim do século XIX e no início do XX, sendo que, segundo alguns autores, tanto essa “era” quanto a ideologia em si estariam no fim devido às políticas atuais que desenvolvem reformas graduais, com acomodação pragmática de interesses conflitantes.

Desenvolvendo cada um desses pontos, o autor utiliza-se de escritos de Marx e Weber que possuem diferentes visões para o mesmo processo. Para Marx, as sociedades pré-capitalistas eram mais conservadoras em seu modo de produção, enquanto as sociedades capitalistas modernas estão em constante expansão e transformação de modo a desintegrar as tradições e formas culturais, inclusive as religiosas. Assim, ocorre uma desmistificação das relações sociais que seria um aspecto inerente do desenvolvimento do capitalismo, permitindo que as relações sociais de exploração tornem-se perceptíveis, o que seria condição essencial para a eliminação da submissão das classes exploradas. Por outro lado, para Weber, as mudanças religiosas foram condição cultural para o desenvolvimento do capitalismo. Após seu estabelecimento como forma predominante de atividade econômica, o capitalismo industrial adquiriu uma força tamanha que passou a dispensar essas ideias e práticas religiosas para sua justificação. Ademais, Weber considera que o desenvolvimento do capitalismo agregado ao nascimento do Estado moderno racionalizou a ação humana e passou a exigir cada vez mais eficiência técnica. Desta forma, os bens materiais passam a adquirir um poder crescente sobre a vida dos homens. Como conclusão deste processo, Weber designa de “destino dos tempos modernos” esse desencantamento da modernidade, onde os valores tradicionais foram subjugados pela racionalização e burocratização da vida social.

Em relação à substituição da consciência religiosa pela consciência prática secular, a argumentação sugere que, conforme ocorria o êxodo rural a fim de formar força de trabalho para a expansão das fábricas do capitalismo industrial, as tradições foram perdendo sua influência sobre a imaginação coletiva. Por exemplo, as relações de servidão entre senhores e escravos começaram a ser questionadas à medida que os indivíduos estavam entrando num novo conjunto de relações sociais baseadas na propriedade privada dos meios de produção e na troca de mercadorias e força de trabalho. Simultaneamente, o poder político se assenta no Estado que se legitima graças à noção de soberania e às formalidades das leis que se baseiam em valores, regras e direitos universais ao invés de valores religiosos ou místicos. Desta maneira, a secularização da vida social criou condições para o surgimento e difusão das

ideologias¹, entendidas por determinados autores como sistemas seculares de crenças que tem uma função mobilizadora e legitimadora de ações transformadoras. Além disso, a difusão de doutrinas políticas foi realçada pela expansão da indústria do jornal e crescimento da alfabetização, pois os indivíduos começaram a ler sobre o mundo social e político e participar ativamente de discussões e debates sobre os problemas e questionamentos através de raciocínios e argumentos. Foi nessa esfera pública que discursos ideológicos se desenvolveram, constituindo sistemas organizados de crenças que ofereciam interpretações coerentes dos fenômenos sociais e políticos e que serviam para mobilizar movimentos sociais e justificar exercícios de poder.

Quanto ao terceiro ponto levantado, diversos pensadores liberais e conservadores conceberam a tese do “fim da ideologia”. Essa tese se baseava na argumentação que houve um declínio das doutrinas políticas radicais ou revolucionárias, pois os problemas sociais enfrentados pelas sociedades no começo do século XX não podiam ser resolvidos com mudanças sociais radicais adotadas pelo comunismo e pelo nazismo², por exemplo. Estes autores consideram que as mudanças radicais deram origem a problemas semelhantes aos das sociedades capitalistas e a novas formas de violência e repressão. Assim, concluíram que paixões revolucionárias estavam dando lugar para uma perspectiva pragmática e gradual. Desta maneira, a mudança social ocorreria por uma economia regulada por um Estado de bem-estar redistributivo. Esses teóricos consideram a impossibilidade dessas paixões revolucionárias resurgirem em sociedades industriais desenvolvidas, mas que ideologias continuarão florescendo em sociedades menos desenvolvidas. Assim, as ideologias não seriam tanto uma característica endêmica da era moderna, mas um sintoma passageiro de modernização.

O autor esclarece então os diferentes sentidos da palavra “ideologia”. Para os teóricos do fim da ideologia, trata-se de doutrinas abrangentes, utópicas, totalizantes, que oferecem uma visão coerente do mundo sócio-histórico e que exigem alto grau de ligação emocional. Esta definição limitaria o termo a um subconjunto específico de sistemas de crença políticos ou doutrinas, predizendo um futuro radicalmente diferente do presente que só aconteceria através da ação dedicada de indivíduos que acreditassem fervorosamente na causa. De acordo com esta visão, o fim da ideologia não seria o fim de debate e conflitos políticos, mas sim o fim da animação de revolucionários por visões utópicas radicais. .

Após desenvolver cada um dos pontos citados inicialmente, o autor manifesta suas críticas, contribuindo para uma reflexão mais ampla do tema. Em primeiro lugar, a grande narrativa minimiza a mediação da cultura, ou seja, o papel fundamental que as instituições e processos de comunicação de massa tiveram nas sociedades modernas e na difusão da ideologia. Thompson critica assim um autor como Alvin Gouldner, para o qual as ideologias são associadas com sistemas simbólicos isolados que se concretizam na escrita e que servem para informar projetos públicos de reconstrução social. Assim, o crescimento de meio eletrônicos de comunicação levariam a um declínio do papel da ideologia nas sociedades modernas, que estaria confinado às universidades. Porém, esta visão é pobre, pois exclui a existência de ideologias nas formas de comunicação de massa, que são as mais importantes nos dias atuais.

¹ Um autor como Yuval Harari (2014) considera que o liberalismo, o comunismo, o capitalismo, o nacionalismo e o nazismo são novas religiões.

² Nesta perspectiva de ideologia, o nazismo pode ser ilustrativo de uma doutrina que cega os indivíduos engajados em movimentos desta natureza. Na segunda guerra mundial, os alemães, tendo Hitler como líder, inspirados por um darwinismo social se consideravam uma raça superior biologicamente (raça ariana) e teriam como “missão” dominar e extinguir raças inferiores, tais como os judeus, negros e ciganos. A tragédia do nazismo é representada pelo aniquilamento de milhões de pessoas.

A segunda limitação se refere a diversas conceituações de ideologia que minimizam seu elo com a dominação e que a inscrevem enquanto fenômeno estritamente moderno.

Segundo Thompson, é perfeitamente possível elaborar uma concepção defensável de ideologia que não esteja restrita a um corpo particular de doutrinas que emergiram na era moderna. Caberia assim reorientar o estudo de ideologia para as múltiplas e diferentes maneiras como as formas simbólicas foram usadas, e continuam a ser, a serviço do poder, dentro das sociedades ocidentais modernas ou dos contextos sociais situados em diferentes pontos no tempo ou no espaço.

Referências

HARARI, Y (2014), *Sapiens, uma breve história da humanidade*, Porto Alegre: L&PM.